

# PROIBIDOS DE AMAR<sup>1</sup>

Nair Soares



[3]<sup>2</sup> Nos longos e arejados corredores do Leprosário Santa Agueda, os doentes formavam grupos, aqui, ali, em conversação animada e alegre, expondo-se prazenteiramente aos raios benéficos de um sol de maio. Um frio devastador punha naqueles pobres corpos uns arrepios anêmicos e medrosos... Quase não sentiam mais o inverno. Na outra ala do terreno, divisava-se um correr de casas pequeninas e alegres, cercadas de amarelo claro, pondo uma nota de bem-estar ostensiva naquela multidão de desgraçados viventes, aos quais qualquer ideia de cura se tornava simples miragem.

Os festivos bangalôs eram construídos pelo esforço ardoroso dos próprios hansenianos, que, dominados pela força poderosa e envolvente do amor, se deixavam prender pelo encanto ou *sex appeal* de algumas companheiras de infortúnio.

---

<sup>1</sup> SOARES, Nair. Proibidos de amar. *Fon-fon*, Rio de Janeiro, ano XXX, n. 48, p. 3, 28 nov. 1936.

<sup>2</sup> Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

Amavam-se homens e mulheres com a mesma disposição idealista e criadora das pessoas sãs. Torturavam-se e odiavam-se entre os do mesmo sexo, por ciúmes e por egoísmo. Viviam.

Regina, uma morena alta, elegante, dona de uns olhos muito grandes e abismalmente verdes, estava prometida para Carlos de Alencar, rapaz que aparentemente negava qualquer impressão da moléstia repugnante.

Noivavam com ternura intensa sob as árvores do grande jardim do Leprosário, sentindo ambos correr pelas veias a torrente da vida, apressada e devastadora como as águas de um canal que rompesse o dique que as sustinha. E esqueciam-se da cruenta maldição de um destino mau que os havia condenado a lutar desesperadamente contra o pior e mais virulento mal da humanidade.

Amavam-se com pressa, na impressão de que o amor tarde demais chegara, que era preciso esgotá-lo de um só arranco, receosos de que ele se partisse como um frágil e precioso vaso de cristal. E seus lábios devoravam os beijos como praias abertas que não se fatigam nunca ao beijo longo e voluptuoso das ondas. E Carlos pensava, com toda a morbidez que a sua moléstia sugeria, que morrer tendo os lábios sobre os lábios carnudos de Regina não era morrer... Seria apenas a diluição suave de tornar-se em nada, fundir-se lentamente, sem dor ou pena, em qualquer coisa irreal e imprecisa...



A íntima desordenação tumultuária e alegre dos noivos foi, um dia, perturbada com a proibição enérgica do médico assistente de Carlos de se tornarem ver.

A moléstia, que em Regina estacionara de forma otimista, em Carlos se agravara assustadoramente. Grandes placas roxas enfeavam-lhe o rosto e uma ausência quase que completa de sensibilidade a qualquer dor física pusera o médico de sobreaviso. As orelhas despregavam-se lentamente e o nariz denunciava visivelmente o adiantamento da moléstia. Tinha que submeter-se a intenso tratamento na enfermaria geral, proibido de tornar a ver a noiva até segundas determinações do médico. Docilmente se submeteu à imposição médica, não querendo retardar por desleixo seu a aproximação do seu grande sonho de amor.

Uma sensualidade recalcada ia, no entanto, invadindo-lhe os sentidos de maneira assustadora, ajudada pelo estado mórbido provocado pela própria moléstia. Desejava estar a sós com Regina para abraçá-la, beijá-la, depois de ter sofrido aquela reclusão incrível, povoada de febres estéreis e desejos impossíveis.

Sentia-se bem melhor. Aspirava com voluptuosidade o perfume das roseiras que ladeavam a enfermaria, parecendo-lhe divisar em cada rosa uma boca contraída pelo espasmo de um beijo dado com amor.

Sentia-se melhor. A obstinação do médico punha-o desconfiado. E começou a ter ciúme da noiva.

O Dr. Alberto Silveira amava decerto a Regina — pensava. E não conseguia aquietar a exaltação violenta e destruidora do ciúme que o consumia. Um complexo de inferioridade exaltava a figura simpática e saudável do médico, criando para si a cruel e verdadeira condição de um

irremediável e desgraçado doente hanseniano... E a demora de suas melhoras se condensava em apaixonados acessos de voluptuosidade irrefreável, perturbando-lhe os sentidos, agitando-o todo como se o seu sangue estivesse limpo e ardente, intoxicado por todas as forças saudáveis da natureza.

Uma angústia crescente agigantava-se no seu espírito, forçando-o a ideias de extermínio com a violência de vermes devastadores... E odiou o Dr. Alberto com a mesma força destruidora do mal que o aniquilava.

Regina nunca seria sua... Nunca!

A lepra devassava-lhe o corpo... As falanges dos dedos dobravam-se docilmente, a carne quase que se desprendendo aos apertos raivosos contra seu peito angustiado...

Queria morder-se... Mas um nojo intenso de si mesmo anulava-lhe o gesto...

Nojo de si mesmo... E era então que Regina lhe aparecia mais linda, vaporosa no seu claro vestido de verão, os lábios carnudos e sensuais atiçando-lhe o desejo.

De repente, a ideia de Deus surgiu-lhe à mente. Não ressuscitara Ele a Lázaro da Betânia? Sim, invocara com fé ardorosa a milagrosa intervenção desse Ser invisível e Onipotente, que emudecera, entretanto, diante de sua dor. O cego tornara a ver, o parálítico voltara a andar, segundo os dizeres evangélicos. Ele, no entanto, ali estava com a carne a decompor-se lentamente, as corretas feições de homem são a transmutar-se em horripilante máscara de lepra!



Na suave penumbra da enfermaria, o vulto másculo e saudável do Dr. Alberto apareceu, fazendo a visita costumeira de todas as tardes. A figura simpática do médico era, para Carlos, uma reprovação à sua covardia de viver.

Por que essa obstinação em querer viver? Por amor de Regina... Mas ela não seria sua... Um ódio violento rodopiou em sua alma, e uma ideia má e destruidora segredava-lhe carícias, arranhando-lhe a sensibilidade de homem bom e resignado...

Um cheiro forte de carne em decomposição dilatava-lhe as narinas... Diante de si viu um espectro humano, os olhos retorcidos, com uma dolorosa expressão nos lábios, que tentavam esboçar um sorriso estoico e resignado.

Era o médico... E se o contaminasse?

Uma agressão inesperada com a navalha de barbear nos braços ou no rosto do que supunha rival, e o vírus peçonhento da lepra que trazia no corpo se fundiria ao sangue quente e borbulhante do médico...



— Então, Carlos, como “vamos” passando?

E amigavelmente o médico pousou as mãos no ombro do doente. Carlos sentiu tanta sinceridade, tamanha abnegação naquela pergunta banal, que, sorrindo com melancolia, desviou os olhos marejados de lágrimas, respondendo com humildade:

— Bem, doutor...



#### FICHA TÉCNICA

**Coordenação geral:** Júlio França e Oscar Nestarez

**Coordenação de pesquisa:** Daniel Augusto P. Silva

**Revisão textual:** André Azevedo de Alvarenga

**Preparação:** Malu Schocair

**Comunicação Digital:** Rebeca Riga

**Design gráfico:** Renata Luz e Ana Giulia Mussury

# Tênebra

Biblioteca digital de  
narrativas obscuras  
brasileiras

